

Michèle Mattelart e as veias abertas da comunicação e gênero na América Latina

Michèle Mattelart and the open veins of communication and gender in Latin America

ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY^a

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria – RS, Brasil

RESUMO

Destaca-se a contribuição de Michèle Mattelart no contexto da história intelectual do campo comunicacional na América Latina, uma vez que geralmente as genealogias da área têm subvalorizado o papel e a importância de pesquisadoras. A via metodológica pretende fazer memória, construindo um percurso que transita entre a biografia intelectual e a história da pesquisa em comunicação, mediante um modo de pensar feminista que afirma sua dimensão subjetiva e situada. Considerando essas particularidades, recuperam-se momentos-chave do seu itinerário intelectual – anos 1960/1970 –, sobretudo daquele focalizado nas articulações entre comunicação e questões de gênero, em que foi precursora na América Latina.

Palavras-chave: Michèle Mattelart, pesquisa, comunicação, gênero, América Latina

ABSTRACT

This paper highlights the contribution of Michèle Mattelart in the context of the intellectual history of the communication field in Latin America as the genealogies of the field have underestimated the role and the importance of women researchers. The methodological approach serves to create memory, functioning as an intermediary between intellectual biography and the history of research in communication from a feminist perspective that affirms its subjective and situated dimension (Margareth Rago, 2019). Considering such aspects, key moments in her intellectual itinerary are recovered – the 1960s/1970s, especially when she articulates communication and gender studies, as she was a pioneer on this matter in Latin America.

Keywords: Michèle Mattelart, research, communication, gender, Latin America

^f Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora do CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0361-6404>. E-mail: carolad2017@gmail.com

MEU INTERESSE É destacar a contribuição de Michèle Mattelart no contexto da história intelectual do campo comunicacional na América Latina, uma vez que geralmente as genealogias da área têm subvalorizado o papel e a importância de pesquisadoras¹. Considerando determinadas particularidades de sua posição, identificadas adiante, recupero momentos-chave no seu itinerário intelectual, entre os anos 1960 e 1970. O foco está centrado na trajetória construída a partir de sua experiência na América Latina e nas articulações entre os estudos de comunicação e questões de gênero em que foi precursora entre nós – pesquisadoras da comunicação, posicionadas tanto nesse entrecruzamento de áreas de interesse quanto no subcontinente latino-americano².

A via assumida almeja fazer memória, diante do processo de perda da memória histórica na contemporaneidade, construindo um percurso que transita entre a biografia intelectual – ainda que parcial – e a história da pesquisa em comunicação na América Latina. Parcial porque recupero fragmentos da produção intelectual que fazem referência à problemática de gênero e, especialmente, suas contribuições geradas a partir da experiência vivida no Chile. Dedico atenção, ainda, a testemunhos e entrevistas referentes ao período vivido nesse país, dados pela intelectual, em diferentes ocasiões³. Assim, nesse itinerário biointelectual é possível observar continuidades, tensionamentos e rupturas epistemológicas, teóricas e metodológicas, em relação com outras ideias e disputas teóricas correntes na época.

Portanto, recupero as contribuições de Michèle em diálogo com uma formação (Williams, 2011) em que vicejam determinados debates político-culturais e ideias, pertinentes a uma determinada conjuntura, que atravessam seu próprio modo de pensar. Para tal, faço uma recuperação sintética de algumas marcas da pesquisa em comunicação na América Latina,

¹ Passarei a utilizar o prenome das autoras citadas ao longo do texto, com o objetivo de chamar a atenção para uma produção intelectual que muitas vezes fica encoberta pelo sobrenome que se apresenta como neutro. Além disso, como será inevitável citar Armand Mattelart devido às diversas parcerias intelectuais que estabeleceu com Michèle, ao usar o primeiro nome fica evidente a quem estou me referindo. Portanto, nesse caso particular, também uso Armand.

² Reitero posicionamento anteriormente assumido: “a América Latina abarca heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas, diversidades econômicas, experiências diferentes e desigualdades estruturais. Logo, falar de América Latina representa uma construção incompleta que é um projeto a realizar, pois é uma tentativa de uniformizar essas diversidades” (Ana Carolina Escosteguy, 2010, p. 18).

³ Não foi possível acessar, de modo completo, alguns dos seus primeiros textos. Porém, Michèle retoma a argumentação de vários deles em publicações posteriores. Esses últimos foram consultados diretamente. Decorre daí a referência a textos publicados fora do período estipulado para análise. Recorro, também, a resenhas e análises de terceiros, bem como a depoimentos da própria intelectual e de Armand a respeito de sua produção, com o objetivo de preencher lacunas e completar a análise, conforme a metodologia proposta.

situando os anos 1960 como um marco temporal do início de um pensamento sobre a comunicação, [onde] sem dúvida o contexto político da região foi indutor de uma perspectiva teórica que levava em conta fortemente a relação entre estruturas sociais, econômicas e modelos de comunicação. (Christa Berger, 2018, p. 38)

A proposta metodológica, recém-apontada, foi explorada na reconstrução de outros itinerários intelectuais – por exemplo, sobre Stuart Hall (Ana Carolina Escosteguy, 2016) e Jesús Martín-Barbero (Ana Carolina Escosteguy, 2018) – e, claro, outros autores/autoras também o fizeram com distintos intelectuais/pesquisadores/as. Adquire importância nesse último âmbito, em especial pela ênfase nas questões de gênero, a pesquisa realizada por Charlotte Brunson (2000), que objetivou compreender o modo pelo qual a *soap opera* se transformou em objeto de estudo através do interesse de pesquisadoras feministas.

O método dessa linhagem de história cultural, implementado por Charlotte Brunson, foi constituído através da integração entre dois tipos de relatos – escritos (a produção intelectual das pesquisadoras selecionadas) e orais (entrevistas com essas investigadoras, identificadas como importantes na formação dessa vertente de pesquisa). Sendo assim, a análise das fontes documentais foi tensionada, complementada e entretida com as entrevistas realizadas pela pesquisadora. No seu caso, as entrevistadas eram, inclusive, suas amigas, porém explica que as entrevistas, embora sejam histórias pessoais, versam exclusivamente sobre percursos intelectuais.

Esse vínculo de amizade também foi vivenciado por Jorge Huergo nas conversas entabuladas com Jesús Martín-Barbero, publicadas em *Memória e promessa: Conversas com Jesús Martín-Barbero* (2018), juntamente com Kevin Morawicki, o segundo entrevistado dessa sequência de conversações. Ressalvadas as diferenças nos resultados da obra de Charlotte e essa, para Morawicki (2018), o que vale no processo de entrevistar e produzir informação subjetiva é a “convicção que a potência teórica de alguns autores não termina nas páginas que anunciam suas teorias, mas também na narrativa de suas experiências de vida, que são precisamente as que ampliam as perguntas pelos modos de conhecer” (p. 20).

A despeito das dificuldades, busco assumir um modo de pensar que incorpore essa dimensão subjetiva, reconhecendo que, com isso, de um ponto de vista feminista, “delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade” (Margareth Rago, 2019, p. 380). Essa premissa ecoa também no tom da escrita e na voz da autora deste artigo.

Porém, diferentemente dos dois últimos trabalhos mencionados, nem tenho laços de amizade nem entrevistei Michèle Mattelart. Apoio-me em entrevistas

realizadas por terceiros, que tiveram finalidades diversas. Em si mesma tal situação não constitui obstáculo e, inclusive, essa estratégia já foi utilizada em outra ocasião (Ana Carolina Escosteguy, 2012), quando entreteci três histórias pessoais, inclusive a minha, de vinculação com os estudos de comunicação e questões de gênero no Brasil.

Contudo, os desafios enfrentados, aqui, são de outra ordem. Em muitas entrevistas, livros, artigos e homenagens recebidas, Michèle ocupa um lugar contíguo ao de Armand Mattelart, seu parceiro sentimental e intelectual, bem como personagem principal da dupla. Sendo assim, a posição de coautora é frequente. Não é apropriado desconsiderar tal posicionamento já que desse lugar de fala decorrem contradições e marcações, ainda que, algumas vezes, Michèle tenha manifestado que isso não lhe afeta – por exemplo, em Fonseca (2016) – e, em outras, declare a existência de uma simbiose entre sua trajetória e a de Armand (Michèle Mattelart, 2018)⁴.

A fim de levar em conta essas condições, torna-se imprescindível considerar sua inserção na época, lugar e posição relativa a mulheres/intelectuais/pesquisadoras/militantes no conjunto de certa sociedade latino-americana que reverbera valores herdados e papéis femininos previamente prescritos pela dominação masculina⁵. Ao documentar particularidades de sua posição que parecem ser mero detalhe, revela-se não apenas a dominação masculina, mas também a resistência de mulheres – como é o caso do percurso de Michèle.

Portanto, conjugado com proposta de uma análise crítico-reflexiva⁶ (Maria Immacolata Lopes, 2016) de seu itinerário intelectual premissas de um modo feminista de pensar que, de modo geral, assume que o conhecimento produzido não é nunca neutro nem mero fenômeno objetivo. Consequentemente, refuta-se a neutralidade epistemológica. Esse entendimento permite “pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento” (Djamila Ribeiro, 2017, p. 29).

⁴ No original, Michèle diz: “no puedo separar mi trayectoria de la de Armand con quien escribimos muchos libros juntos”. Esta e demais traduções, da autora.

⁵ Essa premissa é um valor-guia da proposta metodológica arquitetada e está inspirada na proposta de Maria Odila Leite da Silva Dias (2019): “O ofício da história é necessariamente o diálogo da nossa contemporaneidade com o passado de que gostaríamos de nos libertar ou pelo menos de ver à distância, com os olhos iluminados pelas possibilidades múltiplas do nosso vir a ser no futuro” (p. 362).

⁶ Para Maria Immacolata Lopes (2016), “as análises crítico-reflexivas sobre as práticas da pesquisa e dos estudos na área . . . traduzem a reflexão de uma ciência sobre si própria e contribuem para aclarar seu campo de atuação, seus procedimentos, o valor de seus resultados e o âmbito de suas possibilidades” (p. VII). Na coletânea organizada por Maria Immacolata, das doze trajetórias compiladas, quatro são de pesquisadoras que se destacam em temas epistemológicos no campo, no Brasil: a da própria Maria Immacolata e as de Vera Veiga França, Lucia Santaella e Lucrecia D’Alessio Ferrara.

A afinidade com essa ideia no resgate que se pretende, aqui, “implica em dar atenção à produção ‘situada’, aquela que é iluminada pela posição de quem fala” (Angela Arruda, 2019, p. 346). Daí a razão de reconhecer que Michèle (1941-) é uma intelectual/ativista/pesquisadora branca, de origem e formação escolar francesas, tendo concluído seus estudos na Universidade Paris-Sorbonne, em Literatura Comparada. Casada com Armand (1936-), homem, branco, belga, com formação, constituída ora na Bélgica, ora na França, em Direito e Ciências Políticas, Demografia e Economia Política⁷.

Em entrevista, Armand (Mattelart, 2010) reconhece que Michèle teve uma formação muito diferente da sua: “Ela estava menos marcada que eu pela educação religiosa e participava dos valores laicos e republicanos sobre os quais o sistema escolar na França estava fundado” (p. 50)⁸. Michèle pertence a uma geração que foi influenciada por Boris Vian (1920-1959), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Albert Camus (1913-1960). Além disso, ela admite (Michèle & Armand, 2005) que não foi próxima do movimento feminista, no início dos anos 1960. Ao invés dessa conexão, participava da cultura política da época, sobretudo das mobilizações estudantis em favor da emancipação da Argélia (Armand, 2010).

É justamente na Cidade Universitária Internacional, em Paris, onde residia como estudante, que, em abril de 1962, Michèle conhece Armand. Nesse momento, ele já estava comprometido com uma posição profissional como demógrafo na Universidade Católica do Chile, portanto, parte em agosto daquele mesmo ano com o compromisso de se casarem no próximo. Assim, Michèle permanece em Paris para conclusão de seus estudos. É em junho de 1963 que ocorre o casamento e juntos viajam para o Chile, onde vão residir por cerca de dez anos (1963-1973). Também é nesse período que nascem seus dois filhos: Tristan, em 1965, e Gurvan, em 1967.

No Chile, Michèle vivencia, na década de 1960, um período de intensas mobilizações populares que plasmam um forte desejo de mudança social, bem como o curto período do governo da Unidade Popular (1970-1973), que foi visto como “uma tentativa inédita de construção do socialismo em liberdade”⁹ (Michèle, 2011, p. 75). Também, a armação da derrocada do governo Allende pela radicalização da direita, incluindo a ocupação das ruas por mulheres, no dia 1º de dezembro de 1971, na *Manifestação das Panelas Vazias*. Esta foi

⁷ Limito as menções a Armand Mattelart ao que for imprescindível, sobretudo, porque seu itinerário intelectual tem merecido diversas apreciações. Entre as mais destacadas, estão as de Mariano Zarowsky e Efendy Maldonado Gomez de la Torre. Contudo, dou destaque para o verbete “Armand Mattelart”, proposto por Christa Berger (2014).

⁸ No original: “Ella estaba menos marcada que yo por la educación religiosa y participaba de los valores laicos y republicanos sobre los que se fundó el sistema escolar en Francia”.

⁹ No original: “esta tentativa inédita de construcción del socialismo en libertad”.

considerada por Michèle (2011, p. 79) “o verdadeiro ponto de partida . . . [quando] as mulheres da burguesia, respondendo ao chamado da Democracia Cristã e do Partido Nacional, manifestaram brandindo panelas para protestar contra uma penúria que ainda não existia”¹⁰. Essas experiências e, em especial, essa mobilização junto com a análise de revistas femininas da época, que se dirigiam aos setores médios e altos, mas interpelavam essas mulheres *em nome do povo*, vão ser objeto de um exame original de Michèle, demarcando seu interesse pela problemática da comunicação e questões de gênero.

O período que segue até o golpe é matizado tanto pelo crescimento do movimento popular (Michèle, 2011, p. 80) quanto pelo acirramento dos embates da direita que culminam no bombardeio ao Palácio de La Moneda. Em relato que evoca essa intensa e emblemática vivência, Michèle (2011) conclui laconicamente seu testemunho sobre o fim dessa singular experiência: “Semanas mais tarde, o general Pinochet entrava no governo. Sabe-se o que seguiu (p. 80)”¹¹.

Expulsos pelo golpe de Estado, em 11 de setembro de 1973, o casal retorna a Paris e somente regressa ao Chile em 1991, dois meses após ter sido retirada a proibição para sua entrada no país. Nessa breve visita, Michèle sentiu-se desencantada com a transição vivida naquele momento: “Já não era o Chile que havíamos conhecido, o povo já não tinha voz, era uma nação que tinha sobre si mesma um céu de chumbo. Muita gente morreu e tudo tinha mudado”¹² (Fonseca, 2016, para. 11).

A experiência latino-americana foi central na formação do pensamento da pesquisadora, que se constituiu a partir de um movimento pendular de circulação e produção de ideias do centro para a periferia (Paris-Chile) e desta para o centro, constituindo-se este último no *exílio*¹³. Sim, para Michèle, “é estranho ampliar o significado dessa palavra”¹⁴ (Fonseca, 2016, para. 5), mas é possível viver o exílio ao ser expulso de um território em que não se nasceu.

Após a apresentação das premissas metodológicas e de algumas informações biográficas da pesquisadora/militante, desenvolvo a argumentação. Assim, na próxima seção, entrelaço características gerais da pesquisa em comunicação na América Latina com algumas anotações sintéticas sobre o percurso de Armand

¹⁰ No original: “manifestación de las ollas’ . . . Las mujeres de la burguesía, respondiendo al llamado de la DC y del Partido Nacional, manifestaron blandiendo ollas para protestar contra una penuria que aún no existía”.

¹¹ No original: “Semanas más tarde, el general Pinochet entraba en el gobierno. Se sabe lo que siguió”.

¹² No original: “Ya no era el Chile que habíamos conocido, el pueblo ya no tenía voz, era una nación que tenía sobre sí un cielo de plomo. Mucha gente había muerto y todo había cambiado”.

¹³ Sigo, em parte, uma veia aberta por Mariano Zarowsky (2012).

¹⁴ No original: “Exilio. Es raro ampliar el significado de esa palabra”.

Mattelart, com o objetivo de apresentar os primeiros passos do itinerário intelectual de Michèle, enfatizando as características da emergência de seu interesse sobre questões de Mulher(es) e Meios, fórmula usada no período 1970/1980. Uma segunda seção apresenta um movimento de revisão de premissas e a passagem para o reconhecimento do papel das audiências. Apesar da originalidade de seu enfoque, suas contribuições individuais são invisíveis e não ganham lugar na história latino-americana do pensamento comunicacional. Por último, alinhavo breves considerações finais.

De modo geral, a reconstituição do itinerário de Michèle foi composta por coleta e análise de registros diversos, ora mais genéricos, ora mais pontuais. Porém, diante da prolífica produção encontrada *de e sobre* Armand, esse fazer memória das contribuições dessa intelectual “latino-americanizada”¹⁵ evidenciou que as genealogias da área, isto é, a história intelectual da pesquisa em comunicação na América Latina, têm subvalorizado o papel e a importância de pesquisadoras, entre elas, Michèle Mattelart.

AS VEIAS ABERTAS DA COMUNICAÇÃO E GÊNERO

O título do livro de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina* (1971/1983), serve como subterfúgio para tratar de uma parte da história da pesquisa em comunicação nesse subcontinente, ao invés da história de sua exploração econômica e dominação política, propósito original da obra. Lançado em 1971, também é útil para referenciar uma época, marcada por regimes ditatoriais vividos por países latino-americanos e determinados sentimentos, anticolonialistas e revolucionários, vigentes naquele período. Época e agitação cultural-revolucionária que marcam profundamente a vida de Michèle na América Latina.

O segmento que se pretende historiar da investigação em comunicação coincide, principalmente, com o período dos anos 1960 e 1970, quando se estabelecem fortes vínculos entre a prática da pesquisa e as práticas profissionais e militantes. É no bojo desse contexto que o itinerário intelectual de Michèle vai se constituir, inaugurando, na América Latina, uma preocupação com questões de comunicação e mulheres. Para tal, faço menção sintética à Armand, devido à parceria acadêmica estabelecida entre eles, mas também à sua importância como um dos autores que mais influenciaram o pensamento comunicacional latino-americano desse período (Fuentes Navarro, 1992). Por sua vez, essa via

¹⁵ A partir de Zarowsky (2012), entendo que esse qualificativo atende, também, ao trabalho de Michèle, dado que este foi fundamentalmente construído a partir de sua experiência no Chile como demonstra sua produção intelectual, compilada neste artigo.

torna possível notar continuidades e descontinuidades teórico-metodológicas e, inclusive, enfrentamentos sutis entre eles, no que diz respeito à problemática da comunicação.

Se, no início dos 1960, notava-se de modo forte a abertura do campo às tendências intelectuais internacionais, sobretudo norte-americanas, sendo a “comunicação identificada com a televisão (e esta com *modernização [ênfase adicionada]*) e com financiamento norte-americano (e este com *desenvolvimento [ênfase adicionada]*)” (Christa Berger, 1999, p. 3), no final dessa mesma década, desponta um processo de desconstrução desse aparato teórico e a formação de uma perspectiva crítica. Assim como os objetos e os referenciais teóricos foram trasladados dos Estados Unidos para cá, os métodos e técnicas percorreram o mesmo caminho.

Considerando que não se trata de reconstituir todos os traços da pesquisa dessa etapa, mas de ressaltar seus atravessamentos com questões de gênero, é importante destacar que, na análise de Silvia Elizalde (2009), o enfoque funcionalista, de origem norte-americana, predominante nos anos 1960, “é pouco permeável a considerar o gênero como ‘algo mais’ que um mero critério de classificação dos seres humanos de acordo com a ‘evidente’ e ‘natural’ diferença anatômica que os distingue entre si”¹⁶ (p. 8). Sendo assim, não se trabalhava com a categoria gênero, enquanto

o sexo era introduzido nos estudos (de mercado, medição de audiências, construção de públicos, etc.) como variável, e referida exclusivamente às *diferenças biológicas* que distinguem os corpos humanos entre si, de modo binário e excludente, e cujos “valores de medição” somente contemplam dois únicos registros possíveis e igualmente justapostos: mulher e homem¹⁷. (Silvia Elizalde, 2009, p. 10)

Essa visão perdurou por muito tempo nos estudos de comunicação, tanto nos de caráter mercadológico quanto nos acadêmicos. Nesses últimos, sobressaem as pesquisas vinculadas ao difusionismo (associadas à instrumentalização da mídia com vistas à *modernização*) e ao desenvolvimentismo (vinculadas à ideia de promoção do *desenvolvimento* via meios de comunicação), constituindo-se em uma particularidade dos desdobramentos da pesquisa sobre comunicação

¹⁶ No original: “es poco permeable a considerar al género como ‘algo más’ que un mero criterio de clasificación de los seres humanos según la ‘evidente’ y ‘natural’ diferencia anatómica que los distingue entre sí”.

¹⁷ No original: “o ‘sexo’ era introducido en los estudios (de Mercado, medición de audiencias, construcción de públicos, etc) como variable, y referida exclusivamente a las *diferencias biológicas* que distinguen a los cuerpos humanos entre sí, de manera binaria y excluyente, y cuyos ‘valores de medición’ sólo contemplaban dos únicos registros posibles, e igualmente yuxtapuestos: mujer y varón”.

e *mulher(es)* – já que o termo gênero não era ainda corrente – na América Latina¹⁸, permanecendo válida a etiqueta *mulher*, ainda que aspectos culturais lhe fossem atribuídos, como é o caso das contribuições de Michèle dos anos 1960/1970/1980.

Em meados dos 1960, no contexto dos debates sobre crescimento populacional, desenvolvimento, integração regional e políticas sobre controle da natalidade, Michèle dá a largada na sua carreira de investigadora. Já no Chile participa de uma pesquisa, inscrita no âmbito do Instituto de Capacitação e Investigação da Reforma Agrária, na qual Armand atuava como pesquisador. O objetivo desse estudo era avaliar o comportamento de mulheres chilenas, tanto de zonas rurais quanto urbanas, diante de campanhas de controle da natalidade, promovidas por fundações norte-americanas dentro do marco da Aliança para o Progresso.

Utilizando estratégias publicitárias, essas campanhas pretendiam motivar as mulheres a adotar um comportamento considerado *moderno*, usando personalidades célebres e atrizes de cinema como garantia e/ou legitimadoras de tais atitudes. Situadas no âmbito do difusionismo, tais ações usavam os meios de comunicação como via de difusão e motivação de mulheres que viviam em países *em desenvolvimento* ou periferia, para adotar modelos de comportamentos associados ao centro, economicamente rico e desenvolvido. Daí a atenção de Armand e Michèle em considerar os usos que as mulheres faziam dos meios de comunicação, ainda que estes últimos não configurassem propriamente um objeto de estudo com abordagem específica – pelo menos, na etapa inicial dos seus respectivos percursos intelectuais. Portanto, essa pesquisa antecede os interesses focalizados na comunicação que ambos vão revelar na sequência.

Em oposição ao entendimento assumido por essas campanhas em que as mulheres eram pensadas apenas como usuárias e/ou clientela, Michèle (2014) destaca que a pesquisa realizada assumiu um “corte antropológico” e a mulher foi abordada como “sujeito” (p. 2)¹⁹, e o interesse central estava concentrado na identificação das atitudes de mulheres de diferentes setores sociais – da alta burguesia às classes populares – diante da mudança social. Confirmando essa mesma avaliação, Carla Rivera (2015) conclui que esse estudo foi construído a partir do prisma de uma “etnografia social”, implementando “metodologias

¹⁸ Contraditoriamente, entendimento similar da categoria gênero repercutiu ainda nos estudos de recepção latino-americanos, tradição inaugurada em meados dos anos 1980 já sob influência de aportes teóricos bem diferentes, ora com origem nos estudos culturais anglo-americanos, ora com contribuições autóctones – com destaque para Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco (Ana Carolina Escosteguy, 2002, pp. 5-6). Chama atenção esse fato, pois é a partir dos estudos culturais anglo-americanos que se observa um dos primeiros movimentos na exploração de questões que articulam a cultura popular de massa e aportes feministas, entre eles, questões de gênero.

¹⁹ No original: “opusimos un método de encuesta de corte antropológico, que ubicaba a la mujer como sujeto”.

inovadoras” (p. 357) no campo acadêmico nacional²⁰. Isso quer dizer que o trabalho não se inclui no curso dominante da investigação da época.

Publicado em 1968, sob o título *La mujer chilena en una nueva sociedad*, enfocava

o problema do papel da ‘imagem’ da mulher no processo de modernização, no marco de uma série de investigações sociológicas que, desde o início da década de 1960, chamavam a atenção para a questão da mudança sociocultural como fator dinâmico dos processos de desenvolvimento e modernização²¹. (Zarowsky, 2008, para. 8)

Entre seus resultados, destaca-se que a imagem das mulheres era uma mescla entre o tradicional (esposa, mãe, dona de casa e objeto sexual) e o moderno (trabalhadora, profissional, cidadã), prevalecendo uma concepção tradicional em relação ao destino e dever feminino e masculino. Também, foi identificado um elo entre os setores populares, médios e altos, unificados por meio da compreensão da mulher como pilar da família²². O que explicava a oscilação entre traços de um modelo tradicional e outro moderno era que “o processo de industrialização econômica não tinha seu correlato em um processo de modernização social e cultural dado seu caráter de ‘industrialização incompleta’”²³ (Zarowsky, 2008, para. 9). Contudo, ficava assinalada a preocupação com a dimensão cultural do desenvolvimento e, conseqüentemente, com o papel dos meios de comunicação nesse processo.

Embora Michèle seja coautora do volume onde estão publicados os resultados dessa pesquisa, é por meio desse estudo que se dá a emergência de um interesse no seu trajeto intelectual, flagrado nos cruzamentos entre meios de comunicação e mulheres, que vai ter continuidade e marcar sua produção intelectual. Contudo, é importante assinalar que a percepção de Michèle, daquela época – meados dos 1960 –, no Chile, era que ainda não existia “nenhuma consciência da dominação peculiar que a mulher sofre; ainda não se falava em gênero, isso

²⁰ No original: “etnografía social”; “metodologías novedosas”.

²¹ No original: “el problema del papel de la ‘imagen’ de la mujer en el proceso de modernización, en el marco de una serie de investigaciones sociológicas que, ya desde inicios de la década del sesenta, llamaban la atención sobre la cuestión del cambio sociocultural como factor dinámico de los procesos de desarrollo y modernización”.

²² Recolho essas conclusões a partir da análise de Claudia Fedora Rojas Mira (1994).

²³ No original: “el proceso de industrialización económica no había tenido su correlato en un proceso de modernización social y cultural dado su carácter de ‘industrialización incompleta’”.

apareceu e se consolidou, sobretudo, nos anos 90²⁴ (Michèle & Armand, 2005, p. 149). Essa impressão vai na direção contrária de outros relatos²⁵.

De modo mais específico, o enfoque dos usos que as mulheres fazem dos meios de comunicação ocupa um lugar de destaque no itinerário de Michèle, diferentemente do de Armand. Também se destaca a opção pela pesquisa empírica, de coleta de dados junto a mulheres, viés que retorna mais adiante ao seu percurso investigativo (Michèle Mattelart & Mabel Piccini, 1974), estabelecendo uma preocupação distintiva em relação àquelas de Armand Mattelart, que vai priorizar uma análise materialista da cultura e da comunicação, bem como a construção de uma crítica de economia política. Essas vertentes não se expressam, de modo incondicional, na produção intelectual de Michèle. Parece residir nesse distanciamento controlado a configuração de um trajeto singular e em tensão com a proposta de seu parceiro intelectual.

Porém, antes de recuperar os trabalhos de Michèle do início dos anos 1970, é importante demarcar que a pesquisa latino-americana em comunicação, em sua totalidade, revelava sinais evidentes de ruptura com a perspectiva norte-americana em suas vertentes difusionista e desenvolvimentista. E “entre o final dos anos 1960 e início dos 1970 . . . se inaugura uma reflexão efetivamente latino-americana sobre a comunicação, pois as condições estruturais do subdesenvolvimento passam a ser consideradas e incorporadas na análise dos meios” (Christa Berger, 2001, p. 247).

Desse modo, o final dos anos 1960 marcou a afirmação de uma literatura que denunciava o imperialismo norte-americano. Esse esquema indicava que a América Latina vivia uma espécie de etapa avançada de expansão colonialista e que, na esfera da cultura, pressupunha a imposição de uma cultura com origem em nação metropolitana, especificamente, os Estados Unidos (Ana Carolina Escosteguy, 1993).

Em análise do percurso de Armand, Christa Berger (2014) assinala que o conceito que unifica um primeiro conjunto de seus trabalhos é o de *dependência*. De modo geral, a *teoria da dependência* pretendia uma explicação sobre os efeitos sociopolíticos e econômicos da industrialização tardia dos países periféricos. E, no campo da comunicação, constituiu uma análise da questão cultural, situada no contexto dessa teoria, que buscava decifrar os efeitos do

²⁴ No original: “ninguna conciencia de la dominación peculiar que sufre la mujer. Todavía no se hablaba de género, eso apareció, se consolidó, en los años 90 sobre todo”.

²⁵ Por exemplo, para a teórica feminista chilena, Julieta Kirkwood, a formação de uma consciência feminista, no Chile, passa por um período de luta pelo voto (1930-1950); pela participação no governo democrata-cristão (1964-1970) e no governo da Unidade Popular (1970-1973), bem como pela negação do processo democrático e o surgimento de diversas “rebeldias femininas” – protestos contra a repressão e criação de organizações solidárias e comunitárias (pós-1973). Ver Kirkwood (1986).

processo de dominação ideológica na América Latina. Daí que a prioridade estivesse centrada nas *funções ideológicas* dos meios, conforme os interesses econômicos de quem os explorava e, por sua vez, nos *conteúdos* veiculados que sustentavam mecanismos de dominação. Neste último viés, sim, nota-se sintonia teórica entre Michèle e Armand, ao menos, na virada dos 1960 para os 1970, quando realizam uma investigação sobre a ideologia da imprensa liberal chilena (Armand Mattelart, Mabel Piccini, & Michèle Mattelart, 1970/1976).

É notório que, de um ponto de vista crítico, esse tipo de enfoque propiciasse espaço para a denúncia. Porém, essa perspectiva supunha uma posição excessivamente esquemática no processo comunicativo, tanto para o emissor quanto para o receptor. Em especial a este último, não se reconhecia nenhuma liberdade de leitura ou engajamento com as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, entendimento rejeitado por Michèle, conforme assinalo mais adiante.

Essas ideias são as que envolvem teórica e politicamente a vida de Michèle no Chile, especialmente no final dos 1960 e início dos 1970, retidas em um primeiro movimento de deslocamento de um trabalho situado no âmbito do planejamento de políticas para o desenvolvimento e a modernização social (Armand & Michèle Mattelart, 1968) em direção a uma perspectiva de crítica ideológica aos meios de comunicação de massa (Michèle Mattelart, 1971/1973, 1970/1976). Posteriormente, em meados dos 1970, constituindo outra transição, movem-se para o questionamento do caráter passivo que se atribui à recepção.

Primeira travessia

Inicialmente, entendendo o Chile como um país *em vias de desenvolvimento*, essa condição, rememora Michèle (2014), a colocou

frente a questões associadas as relações Norte/Sul que foram cruciais nos decênios 60/70. Por exemplo, com a orientação sobre políticas de desenvolvimento, guiadas pelas doutrinas do *difusionismo*, isto é, pela ideia unilateral de uma modernidade interpretada como a expressão de superioridade da civilização ocidental²⁶. (p. 2)

No bojo dessas questões, mas sob crescente contato com o enfoque estrutural do discurso e já interessada nos processos de comunicação, após sua primeira experiência com o tema, Michèle, que profissionalmente está vinculada às

²⁶ No original: “me puso frente a cuestiones vinculadas con las relaciones Norte/Sur que fueron cruciales en los decenios 60/70. Por ejemplo, con la orientación sobre las políticas de desarrollo guiadas por las doctrinas del ‘difusionismo’, es decir, por la idea unilateral de una modernidad interpretada como la expresión de la superioridad de la civilización occidental”.

atividades do Centro de Estudios de la Realidad Nacional (Ceren)²⁷, vai se contrapor à análise de conteúdo funcionalista, predominante na época, na América Latina. Em linhas gerais, condena sua valoração como uma estratégia universal e passível de ser transferida de um país a outro, de uma sociedade a outra, sem articulação com um corpo social particular e com um enfoque histórico.

Por essas razões, seu itinerário se direciona para outra via. Dois trabalhos são reiteradamente citados por Michèle²⁸ como os representantes da linhagem da *redescoberta da ideologia* e influenciados fortemente pela tradição francesa de análise do discurso. Também, serão esses mesmos estudos que, por sua vez, vão consumir seu interesse pela comunicação e desta com a(s) mulher(es). São eles: “El nivel mítico de la prensa pseudo-amorosa” (1970/1976) e “Apuntes sobre lo moderno: Una manera de leer la Revista Feminina Ilustrada” (1971/1973). A partir daí interessou-se pelo papel dos meios como vetores fundamentais de construção de uma modernidade singular, sobretudo em publicações dirigidas às mulheres – fotonovelas, revistas e suplementos femininos – e como o público feminino se via afetado por essa *ideologia da modernidade*.

O eixo conceitual dessas análises, reconhece Michèle (2014), firma-se “em uma fonte de inspiração determinante para a análise do discurso [que] foi a noção de mito, elaborada por Barthes em sua obra *Mitologias* (1957)” (p. 3)²⁹. Em síntese, o mito naturaliza o mundo social e suas disparidades; evita as fontes de tensão latentes e apresenta visão harmoniosa da sociedade. “Interpretamos o mito como um modelo de representação da realidade imposto dogmaticamente às massas, com o fim de controlar e dirigir o comportamento dos indivíduos”³⁰ (Zarowsky, 2008, p. 3), diziam Armand, Michèle e Mabel Piccini (1970/1976) na apresentação da pesquisa sobre a ideologia da imprensa liberal chilena em que se insere o primeiro estudo, recém-citado.

Vale comentar que a publicação *Los medios de comunicación de masas: La ideología de la prensa liberal en Chile* (1970/1976) está composta por uma apresentação do marco de análise formulada por Armand, uma análise da estrutura do poder informativo do Chile, concentrada em dois grupos editoriais, também elaborada por Armand, e três exames de casos concretos: o primeiro sobre a

²⁷ Christa Berger (2001) destaca a importância desse centro de investigação na história da pesquisa da comunicação na América Latina.

²⁸ Os textos mais recentes de Michèle caracterizam-se por realizar uma autorreflexão e reconstituição de memórias sobre sua vida de pesquisadora/intelectual/ativista no Chile.

²⁹ No original: “Una fuente de inspiración determinante para el análisis del discurso fue la noción de mito, elaborada por Barthes en su obra *Mythologies* (1957)”.

³⁰ No original: “Interpretamos el mito como un modelo de representación de la realidad impuesto dogmáticamente a las masas, con el fin de controlar y manejar el comportamiento de los individuos”.

mitologia da juventude na cobertura do *El Mercurio*, tratava do movimento estudantil e da luta por uma reforma universitária, sob responsabilidade de Armand, o segundo de Mabel Piccini, sobre as revistas de celebridades e, por último, o de Michèle, sobre as fotonovelas.

Michèle Mattelart (1970/1976) avaliou que esse produto cultural toma o problema do amor como algo aparentemente psíquico, individual e genérico, negando-lhe qualquer especificidade histórica-social. Ou, se essa *literatura do coração* aceita assumir certo grau de especificidade, restringe suas respostas ao âmbito do privado, negando a possibilidade de encontrar soluções mediante a conexão entre problemas privados e o plano das estruturas sociais.

A “ordem do coração” – a ordem que governa a organização do discurso melodramático – invalida qualquer forma de combate às desigualdades sociais (ainda que sua existência seja admitida) mediante uma explicação difusa: somente o amor pode atravessar as barreiras de classe. Não apenas a solução é individual – nunca coletiva – mas também é relacionada ao milagre do amor. . . . O amor torna-se uma explicação universal que pode resolver contradições sociais através de sua negação e com vistas à ordem da sociedade já que o amor é encontrado no Destino³¹. (Michèle, 1997, p. 30)

Os dois trabalhos recém-mencionados (Michèle, 1971/1973, 1970/1976) versam sobre revistas femininas – ora publicadas por empresas transnacionais, ora pelos grupos editoriais nacionais. Teoricamente, essas publicações tanto aglutinam-se no uso da noção de mito quanto são apresentadas como vetores de um projeto de modernidade (1971/1973). Porém, no segundo artigo (1971/1973), ao articular o discurso das revistas femininas com o processo modernizador que, ao mesmo tempo, o emoldura e constitui, a autora compõe uma perspectiva que combina um viés de gênero e o histórico-social.

Na análise de Michèle, o discurso dessas revistas cultivava um modelo modernista que amalgamava papéis tradicionais que se originavam na *natureza feminina* e modernos que incluíam sua incorporação ao trabalho. Sendo assim, exigia-se a atuação da mulher como trabalhadora e consumidora.

³¹ No original: “the order of the heart’ – the order that governs the organization of this kind of melodramatic discourse – is that it invalidates any form of struggle against social inequalities (the existence of which is admitted) by means of this diffuse explanation: only love can cross class barriers. No only is the solution individual – never collective – it is also linked to the miracle of love. . . . Love comes to be a universal explanation which can resolve social contradictions through denying them, for the order of society, like love, is founded on Fate”.

O núcleo implícito na teoria sobre a liberação feminina que se almeja neste modelo consiste em resgatar a mulher de sua intimidade doméstica para lançá-la no mundo exterior onde se individualiza e, portanto, libera-se, graças à uma competência baseada na aquisição de bens e à uma obediência fervorosa à moda³². (Michèle, 1971/1973, p. 150)

Além disso, o cultivo desse projeto modernista *universal* consistia em difundir características atribuídas a uma classe de mulheres – a burguesa – de um país dominante, e o modelo desse país se transladava mais ou menos mecanicamente à realidade de um país periférico.

Ainda, segundo a própria Michèle,

O conceito de modernidade me levou a estudar a mitologia da modernidade, aplicando, porque era a época, o método estruturalista, e partindo do mito como noção chave para destacar que existe uma reabsorção das desigualdades que se resolvem no mito da mulher que acessa à modernidade como por encantamento³³. (Ayala Marín & Herrera, 2011, p. 82)

Se os produtos culturais analisados, mediante suas narrativas melodramáticas e as imagens femininas mobilizadas, diluem os conflitos sociais e contribuem para a opressão feminina, também são úteis ao sistema social hegemônico. Marcadas pelo tom de denúncia, tais análises alinhavam-se com perspectivas bastante mecânicas e deterministas que vão ser questionadas na sequência de seu percurso.

Segunda travessia

As circunstâncias vividas, no início do governo Allende, por um lado, de intervenção social e política, mediante uma prática política e de pesquisa que almejava não só conhecer os hábitos de consumo e recepção de meios de comunicação, mas integrar parcelas desse público no processo

³² No original: “El núcleo implícito en la teoría de la liberación femenina que se persigue en este modelo consiste en rescatar a las mujeres de su intimidad doméstica para lanzarlas al mundo exterior donde se individualizan y, por tanto, se liberan, gracias a una competencia basada en la adquisición de bienes y ardiente obediencia a la moda.”

³³ No original: “El concepto de la modernidad me llevó a estudiar en esa ocasión la mitología de la modernidad, aplicando, porque era la época, el método estructuralista, y partiendo del mito como noción clave para destacar que hay una reabsorción de las desigualdades, que se resuelven en este mito de la mujer que accede a la modernidad como encantamiento”.

de produção de mensagens³⁴; e, por outro, a observação de um crescente processo de radicalização da direita, principalmente a partir de 1972, que atuava para minar o governo democraticamente eleito, contribuíram para efetivar um segundo movimento de deslocamento. Agora, este ia em direção ao reconhecimento de que na esfera da cultura tanto ocorria a reprodução quanto a transformação, o que implicava questionar o caráter passivo do âmbito da recepção.

Dois textos são identificados como deflagradores da revisão do enfoque crítico-reprodutivista até então adotado: “La televisión y los sectores populares” (1974), elaborado juntamente com Mabel Piccini, e “El golpe de Estado en femenino o cuando las mujeres de la burguesía salen a la calle” (1975/1977), escrito após o golpe, quando retorna a Paris³⁵.

O primeiro deles relata investigação, realizada em 1973, em três bairros operários de Santiago do Chile, sobre a presença da televisão na vida cotidiana. Eram dois os propósitos da investigação: “desmistificar . . . o conceito de comunicação de massas que utiliza a classe dominante segundo o qual as massas não têm outra participação e outro poder que não seja o do consumo”³⁶ e questionar o “conceito abstrato de ‘público’ . . . [pois este representa] tendências, gostos e interesses de classe muitas vezes antagônicos”³⁷ (citado em Lenarduzzi, 2014, p. 46).

Portanto, situadas no espaço da recepção, por meio de entrevistas e testemunhos, Michèle e Mabel reagruparam as experiências culturais coletadas em três grupos: aquele que reproduz a ordem social vigente, o que desenvolve reivindicações secundárias e o que produz um questionamento radical sobre a sociedade. Elas concluem que existe uma recepção diferenciada segundo maior ou menor adesão ao governo da Unidade Popular, o gênero e o pertencimento de classe.

³⁴ Michèle (2011) faz relato retrospectivo sobre as estratégias adotadas pelo campo de forças que apoiava o Governo Allende no que diz respeito a transformação da comunicação via a mobilização de novos valores. De modo geral, a pretensão era construir uma nova cultura tanto nos conteúdos quanto nas formas de participação dos setores populares, seja na primeira instância, seja na gestão dos meios de comunicação. Isto desembocava na compreensão da esfera da cultura como espaço de construção da hegemonia. Ver, também, Carla Rivera (2015).

³⁵ Esses dois textos não foram consultados na íntegra. Por sua importância na trajetória de Michèle, assim como para os antecedentes dos estudos de recepção e audiência no Chile e na América Latina, merecem uma análise ainda mais aprofundada da que foi possível aqui. Causa surpresa que levantamentos e análises consultadas sobre os estudos de recepção no Chile não mencionem esses textos. “El golpe de Estado en femenino o cuando las mujeres de la burguesía salen a la calle” foi publicado originalmente em *Les Temps Modernes*, 1975, e, posteriormente, como capítulo de livro.

³⁶ No original: “desmitificar el . . . concepto de comunicación de masas que utiliza la clase dominante según la cual las masas no tienen otra participación y otro poder que el del consumo”.

³⁷ No original: “concepto abstracto de ‘público’ . . . tendencias, gustos e intereses de clase muchas veces antagónicos”.

Nos setores populares femininos mais mobilizados, descobrimos que a leitura dessas mensagens [folhetins melodramáticos] não correspondia necessariamente à desejada implicitamente pelo emissor e que o ato de recepção desmentia a lógica dos traços estruturais, ocasionando procedimentos de consumo desviante³⁸. (Michèle, 1982, p. 25)

Contudo, destaca-se que, embora as autoras reconhecessem “barreiras na consciência de classe” (Michèle & Mabel, 1974, p. 75), concomitantemente, assinalavam a importância dos contextos e antecedentes individuais e biográficos na decodificação dos receptores. Ou seja, há uma combinação de fatores que contribuem para a decodificação dos receptores.

Na época, em um contexto de forte influência marxista, ao não reconhecer a determinação do código de classe, Michèle, juntamente com Mabel, revelava uma postura de tensionamento das premissas vigentes no campo crítico e até mesmo de ruptura. Além disso, ao posicionar-se como interessada pelo âmbito do público/audiência e suas práticas, problematizava tanto a concepção de dominação corrente no período quanto a passividade dos receptores que a acompanhava. Mais um posicionamento considerado controverso naquele tempo, à luz das ideias dominantes.

Sendo assim, torna-se mais do que evidente a ruptura com a reflexão anterior focada na crítica ideológica das mensagens. Antecipando o que viria a ser referendado muito mais tarde na América Latina, as autoras assumem:

o significado da mensagem não está encerrado nela mesma, como uma propriedade intangível e imutável, fora das categorias históricas congeladas nela. O sentido se desenvolve na relação dialética que se estabelece entre a mensagem e o receptor, receptor definido como produtor de sentido, que reivindica, ao mesmo tempo em que lê e desmistifica a palavra universal da burguesia a partir de seus interesses de classe, seu protagonismo na construção de um projeto cultural alternativo³⁹. (citado em Natalia Andrea Vinelli, 2006, para. 12)

³⁸ No original: “En los sectores femeninos populares más movilizados descubrimos que la lectura de esos mensajes [folletines melodramáticos] no correspondía necesariamente a la deseada implícitamente por el emisor y que el acto de recepción desmentía la lógica de los rasgos estructurales, ocasionando procedimientos de consumo desviado”.

³⁹ No original: “La significación del mensaje no está encerrada en éste, como propiedad intangible, inmodificable fuera de las categorías históricas congeladas en él. La significación se desarrolla en la relación dialéctica que se establece entre el mensaje y el receptor, un receptor definido como productor de sentido, que reivindica, en el mismo momento en que lee y desmistifica la palabra universal de la burguesía a partir de sus intereses de clase, su papel protagónico en la construcción de un proyecto alternativo de cultura”.

Por essa razão, quando se identifica, sobretudo no trajeto de Armand, uma fase de *autocrítica*, nos anos 1980, no que diz respeito ao desinteresse pelas práticas dos sujeitos sociais concretos (por exemplo, Christa, 2014; Kaplún, 1988/2007), associando, mesmo que indiretamente, uma equivalência com o itinerário de Michèle, descuida-se da originalidade de sua produção intelectual em relação à de Armand. Ainda que esse aspecto sobre o reconhecimento de produção de sentido na recepção, principalmente no contexto latino-americano, não tenha merecido visibilidade nas análises de suas contribuições à pesquisa em comunicação, Michèle tentou, de modo reiterado, distanciar-se das posturas de Armand a esse respeito.

Além dos trabalhos que já foram indicados, a demarcação de distanciamento ocorreu, especialmente, em depoimentos. Por exemplo, em entrevista ao jornal *Zero Hora*, realizada por Christa Berger e Sérgio Caparelli (Berger, 2010, p. 23), declarou que, “para ser honesta”, sua preocupação intelectual no que diz respeito ao sujeito receptor “remonta a 1971 ou 1972”. Igualmente, na entrevista cedida a Mario Kaplún (1988/2007) disse: “sobre o surgimento de uma revalorização do receptor, ainda que de fora se possa vê-la como ruptura, devo dizer que eu a sinto como continuidade”⁴⁰ (para. 16).

O outro texto (Michèle, 1975/1977) que colabora para esse movimento de revisão de enfoque, embora tenha sido escrito e produzido a partir do golpe de Estado, ao contrário do anterior (1974), que implicava uma investigação que ocorreu durante o governo Allende, trata de uma análise das revistas femininas como agentes que convocaram as mulheres, sua clientela, para a ação política. Ao invés de tratar seu público-alvo, nesse caso, as mulheres, como consumidoras passivas, o discurso das revistas femininas mobilizou e transformou suas leitoras em agentes políticos contrarrevolucionários. Origina-se aí a percepção da importância da marcha das panelas vazias, no final de 1971, protagonizada pelas mulheres, evidência de que elas tinham sido incorporadas à defesa de um Estado Militar que, por sua vez, se utilizava do discurso da igualdade para demandar sua adesão política, ativa.

Em tempos de crise, ela passa da leitora-consumidora à leitora-mulher de ação, capaz de mobilizar-se na defesa direta e não mais implícita dos interesses de classe (embora sem nunca identificar como tais esses interesses). Em tempos de paz, ao atomizando-as e desorganizando-as, as revistas femininas contribuem para a manutenção da ordem⁴¹. (Michèle, 1982, pp. 63-64)

⁴⁰ No original: “en cuanto al surgimiento de esa revaloración del receptor, aunque desde afuera se la pueda ver como una ruptura, debo decir que en mí la siento más bien como continuidad”.

⁴¹ No original: “En época de crisis, se pasa de la lectora-consumidora a la lectora-mujer de acción, capaz de movilizarse en defensa directa y ya no implícita de los intereses de clase (aunque sin identificar nunca como tales dichos intereses). En época de paz, atomizándolas y desorganizando-las, las revistas femininas contribuyen al mantenimiento del orden”.

Portanto, fortemente ancorada nas particularidades de uma conjuntura histórica, posiciona-se novamente rompendo com perspectivas mecânicas e universalistas. Nessa análise, Michèle cursa a travessia para uma perspectiva comunicacional que destaca a importância da relação/interação entre texto(s) e leitora(s) que, constituída em um determinado contexto histórico, propicia a formação de efeitos diversos⁴². Porém os ventos ainda não sopravam a favor dessas ideias em meados dos anos 1970, na América Latina, e, conseqüentemente, não prosperaram nem ganharam a devida atenção.

COMENTÁRIOS FINAIS

Contemporaneamente, faz-se pouco resgate do pensamento de antecessores, situação agravada quando se trata de antecessoras. Em movimentos que exacerbam o processo de perda da memória histórica, privilegia-se o pensamento atual, o mais recente, bem como os objetos de moda. À vista disso, conhecimentos anteriores e substanciais que alicerçam as trajetórias intelectuais de campos, como o dos estudos de comunicação vinculados aos de gênero, na América Latina, são esquecidos. Essa amnésia acadêmica, também, contribui para apagar a originalidade de itinerários como o de Michèle Mattelart, bem como para suprimir seu protagonismo na emergência dos cruzamentos entre estudos de comunicação e gênero, entre nós, latino-americanas.

Enfim, constato que as veias abertas por Michèle não só inauguraram uma área de afinidades entre comunicação e questões de gênero na América Latina, mas configuraram, em determinadas situações, um distanciamento dos posicionamentos correntes na época e rupturas como as já identificadas. Além disso, sua resistência foi manifesta, sobretudo, nos trabalhos enumerados como momentos-chave do seu percurso. Contudo, suas posições foram geralmente interpretadas como assentadas às de Armand, revelando os prejuízos existentes tanto na sociedade quanto no campo intelectual no que diz respeito à atuação das intelectuais-mulheres.

Em consequência das escolhas feitas – tanto de objetos quanto de posições teóricas – juntamente por ser mulher/pesquisadora/intelectual/acadêmica/militante, não mereceu o reconhecimento e o destaque devido, em um subcontinente marcado por profundas desigualdades de gênero. Reclamação quase imperceptível nos testemunhos de Michèle (Michèle & Armand Mattelart, 2005), no que diz respeito à sua

⁴² De um ponto de vista histórico-político, a abordagem de Michèle também é saudada como inovadora e corajosa já que, nesse artigo, foca no movimento de mulheres de direita, tema com frequência esquivado pela perspectiva feminista. Ver Margaret Power (2004).

própria vivência, tirante alfinetadas como: “Existia nos anos 1960 certas atitudes nos partidos políticos de esquerda chilena que chamavam a atenção de uma mulher”⁴³ (p. 106). Hoje, possivelmente, essa sutileza ou ironia fosse traduzida por sexismo. ■

REFERÊNCIAS

- Arruda, A. (2019). Feminismo, gênero e representações sociais. In H. Buarque de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto* (pp. 335-355). Bazar do Tempo.
- Ayala Marín, A., & Herrera, C. (2011). Comunicación, interculturalidad y género: Debate sobre el futuro de la humanidad: entrevista a Michèle Mattelart. *Chasqui*, (116), 81-84. <https://bit.ly/3mCgAoP>
- Berger, C. (1999). Crítica, perplexa, de intervenção e de denúncia: A pesquisa já foi assim na América Latina. *Intexto*, 2(6), 1-15. <https://bit.ly/3g3qTj3>
- Berger, C. (2001) A pesquisa em comunicação na América Latina. In A. Hohlfeldt, L. Martino, & V. França (Orgs.), *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências* (pp. 241-274). Vozes.
- Berger, C. (2010). De la experiencia chilena a la teoria crítica de la comunicación. *Chasqui*, (110), 19-23. <https://bit.ly/36yYHBE>
- Berger, C. (2014). Armand Mattelart. In A. Citelli, C. Berger, M. I. V. de Lopes, & V. V. França (Orgs.), *Dicionário de comunicação: Escolas, teorias e autores* (pp. 210-215). Contexto.
- Berger, C. (2018). A crítica une a pesquisa em comunicação na América Latina. In G. Ferreira, & C. Peruzzo (Orgs.), *Comunicação na América Latina: Da meta-pesquisa aos estudos midiáticos* (pp. 37-46). Intercom.
- Brunsdon, C. (2000). *The feminist, the housewife and the soap opera*. Claredon.
- Dias, M. O. L. da Silva (2019). Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In H. Buarque de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto* (pp. 357-370). Bazar do Tempo.
- Elizalde, S. (2009). Genalogías e intervenciones en torno al género y la diversidad sexual. In S. Elizalde, K. Felitti, & G. Queirolo (Coords.), *Género y sexualidades en las tramas del saber: Revisiones y propuestas* (pp. 129-187). El Zorzal.
- Escosteguy, A. C. (1993). *A pesquisa do popular na comunicação: Uma análise metodológica* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.

⁴³ No original: “Y había en los años 60 ciertas actitudes en los partidos políticos de izquierda chilena que llamaban la atención de una mujer”.

- Escosteguy, A. C. (2002). Os estudos de recepção e as relações de gênero: Algumas anotações provisórias. *Ciberlegenda*, (1), 1-9.
- Escosteguy, A. C. (2010). *Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana*. Autêntica.
- Escosteguy, A. C. (2012). Pensando as relações entre mídia e gênero através de histórias pessoais: O caso brasileiro. *Derecho a Comunicar*, (4), 174-186.
- Escosteguy, A. C. (2016). Stuart Hall e feminismo: Revisitando relações. *MATRIZES*, 10(3), 61-76. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i3p61-76>
- Escosteguy, A. C. (2018). Um tributo a Martín-Barbero: Fazendo memória de trajetos. *Intexto*, (43), 24-34. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201843.24-34>
- Fonseca, L. F. (2016, 17 de julho). Michèle Mattelart, la maestra a quien no le preocupa el anonimato. *El Telégrafo*. <https://bit.ly/3g6C2zC>
- Fuentes, R. (1992). *Un campo cargado de futuro: El estudio de la comunicación en América Latina*. Felafacs.
- Galeano, E. *As veias abertas da América Latina* (18a ed.). Paz e Terra. (Obra original publicada em 1971)
- Kaplún, M. (2007). Los Mattelart hoy: Entre la continuidad y la ruptura. *Revista Dia-logos de la Comunicación*, (74). <https://bit.ly/3qqY9py> (Obra original publicada em 1988)
- Kirkwood, J. (1986). *Ser política en Chile: Las feministas y los partidos*. Flacso.
- Lenarduzzi, V. (2014). Comunicación y cultura: Un archivo. *Oficios Terrestres*, 30(30), 17-70. <https://bit.ly/3qlqVrx>
- Lopes, M. I. V. de (2016). Apresentação. In M. I. V. de Lopes (Org.), *Epistemologia da Comunicação no Brasil: Trajetórias autorreflexivas* (pp. VII-VIII). ECA/USP.
- Huergo, J., & Morawicki, K. (2018). *Memória e promessa: Conversas com Jesús Martín-Barbero*. Sulina
- Mattelart, A. (2010). *Por una mirada-mundo: Conversaciones con Michel Sénécal*. Ediciones Universidad de la Frontera.
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (1968). *La mujer chilena en una nueva sociedad: Un estudio exploratorio acerca de la situación e imagen de la mujer en Chile*. Pacífico.
- Mattelart, A., Piccini, M., & Mattelart, M. (1976). *Los medios de comunicación de masas: La ideología de la prensa liberal en Chile*. Cid Editor. <https://bit.ly/3ga1ZON> (Obra original publicada em 1970)
- Mattelart, M. (1976). El nivel mítico de la prensa pseudo-amorosa. In A. Mattelart, M. Piccini, & M. Mattelart, *Los medios de comunicación de masas: La ideología de la prensa liberal en Chile* (pp. 219-283). Cid Editor. <https://bit.ly/3ga1ZON> (Obra original publicada em 1970)

- Mattelart, M. (1973). Apuntes sobre lo moderno: Una manera de leer la revista femenina ilustrada. In M. Garretón (Comp.), *Ideología y medios de comunicación* (pp. 140-169). Amorrortu. (Obra original publicada em 1971)
- Mattelart, M. (1977). *La cultura de la opresión femenina*. Era. (Obra original publicada em 1975)
- Mattelart, M. (1982). *La mujer y las industrias culturales*. Divisão para o Desenvolvimento Cultura da UNESCO.
- Mattelart, M. (1997). Everyday life (Excerpt). In C. Brunson, J. D'Acci, & L. Spigel (Eds.), *Feminist television criticism: A reader* (pp. 23-35). Oxford University Press.
- Mattelart, M. (2011). Comunicación y movimiento popular: Un momento emblemático. Chile 1970-1973. *Chasqui*, (116), 75-80. <https://bit.ly/37tR8vl>
- Mattelart, M. (2014). Género, comunicación e investigación desarrollada por mujeres. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 1(2), 1-5. <https://bit.ly/2Vr0brg>
- Mattelart, M. (2018). *Michèle Mattelart: Auftaktveranstaltung/lanzamiento* [Entrevista em vídeo]. Vimeo. <https://bit.ly/3okz9hA>
- Mattelart, M., & Mattelart, A. (2005). La apuesta por los ciudadanos. *Comunicación y Medios*, (16), 104-111. <https://bit.ly/3ojQNLB>
- Mattelart, M., & Piccini, M. (1974), La television y los sectores populares, *Comunicación y Cultura*, (2), 3-75.
- Morawicki, K. (2018). Introdução à edição argentina. In J. Huergo, & K. Morawicki, *Memória e promessa: Conversas com Jesús Martín-Barbero* (pp. 19-22). Sulina.
- Power, M. (2004). More than mere pawns: Right-wing women in Chile. *Journal of Women's History*, 16(3), 138-151. <https://doi.org/10.1353/jowh.2004.0069>
- Rago, M. (2019). Epistemologia feminista, gênero e história. In H. Buarque de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto* (pp. 371-387). Bazar do Tempo.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Letramento.
- Rivera, C. (2015). Diálogos y reflexiones sobre las comunicaciones en la Unidad Popular: Chile, 1970-1973. *Historia Y Comunicación Social*, 20(2), 345-367.
- Rojas Mira, C. F. (1994). *Poder, mujeres y cambio en Chile (1964-1973): Un capítulo de nuestra historia* [Dissertação de mestrado, Universidad Autónoma Metropolitana]. Biblioteca Nacional de Chile. <https://bit.ly/3gfRUjG>
- Vinelli, N. A. (2006). Argentina: Miradas sobre la recepción en los setenta. *Question/Cuestión*, 1(12). <https://bit.ly/36wjMMV>
- Williams, R. (2011). O futuro dos estudos culturais. In R. Williams, *Política do modernismo: Contra os novos conformistas* (pp. 171-188). Editora Unesp.

- Zarowsky, M. (2008). Entre París y Santiago de Chile: Circulación de ideas y redes intelectuales en la recepción de Armand Mattelart de la semiológica y la problemática ideológica. *Question*, 1(18). <https://bit.ly/39ABRLT>
- Zarowsky, M. (2012). Armand Mattelart: Un itinerário intelectual entre America Latina y Europa. *A Contracorriente*, 9(2), 221-247. <https://bit.ly/3mzxUe9>

Artigo recebido em 29 de setembro e aprovado em 2 de dezembro de 2020.